

## UMA ALIANÇA IMPOSSÍVEL: O SEM-ESPETÁCULO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

A partir de uma aproximação com a obra de Gilles Deleuze, especialmente com a ideia de constituição de alianças, este trabalho visa aproximar os conceitos e práticas de Carmelo Bene (e seu “Sem-Espetáculo”) e da Internacional Situacionista (desenvolvidos por Guy Debord em seu “A Sociedade do Espetáculo”). Para tanto, investiga as definições de “espetáculo” e “sem-espetáculo” contidas nas obras de teóricos como Roland Barthes e Patrice Pavis, mas, especialmente, nas “criações de situações” e textos da Internacional Situacionista e no teatro escrito e encenado pelo pluriartista italiano Carmelo Bene. Evitando cair na armadilha de associar os conceitos de “espetáculo” com “drama” e “sem-espetáculo” com “pós-dramático”, este trabalho estabelece uma aliança com a definição de Barthes de que “espetáculo é tudo que se oferece ao olhar” (1975) e com os conceitos de “espetacular difuso e espetacular concentrado” criados pelo fundador da Internacional Situacionista Guy Debord (1967). Já em Bene, as potências contidas em suas peças, textos e encenações apontam para algo além do “espetacular”, que não se relaciona com a dicotomia tradicional da separação entre “teatro da representação e da não-representação”. Traça-se aqui um paralelo entre os objetivos da Internacional Situacionista de “acabar com todas as formas de arte” e de “criar uma nova arte” com o que Deleuze identifica na obra de Bene como um tema constituinte, criador do novo. Como criação de conceitos contidos nesta nova concepção do “sem-espetáculo”, destacam-se as ideias da máquina atorial, do operador de cena, da variação contínua. Como alternativa aos “espetaculares difusos e concentrados”, surge um “sem-espetáculo” que preza o acontecimento em detrimento da fábula, anti-histórico, que opera subtraindo elementos para liberar forças não representativas e eliminar conflitos já normalizados, afastando-se das constantes ou invariantes tanto na linguagem quanto nos gestos.